



## O que têm em comum?



“A saudade é a tristeza que fica em nós quando as coisas de que gostamos se vão embora.”

in, **A Menina do Mar**

Podia falar da estatura, da tez morena, do corpo enxuto, do facto de serem mulheres, mães e professoras, mas foi por terem ambas o objetivo comum de tentar encontrar uma escola perto de casa, poupando filas de trânsito e euros, (resoluções íntimas ditadas pela Troika), que me inspiraram estas palavras que vos deixo, com a confiança e a intimidade geradas em duas décadas de trabalho, também ele comum. Sim, já somos íntimas. Na nossa escola partilhámos momentos de ansiedade, desânimo e voragem, deceções, algumas lágrimas, muitas alegrias e ideais. **Mas vejamos, o que têm então em comum?**

São altas, mais que eu e uma mais que a outra. A alta tem a tensão baixa, a baixa tem a tensão alta.

Gostam de exames. Sim! De exames! Uma gosta de os corrigir. Diz ela, que apesar da exaustão a que a conduzem, são sempre uma excelente oportunidade de se aperfeiçoar no seu mester, ensinar português. A outra aprecia o infindável afã de coordenar as tarefas para a sua aplicação, correio expedito entre o Ministério da Educação e a escola e seus agentes. Anda num vaivém desde o início do ano. Afixa aqui, avisa ali, informa acolá, envia para o mail, aponta o placard, sempre com um enorme sorriso no rosto e o ar ligeiro e desembaraçado de quem realiza tarefa intrincada, com uma perna às costas.



Têm cinco filhos de diferença e ambas ostentam corpo de verão o ano inteiro. Uma faz concessões regulares ao chocolate, a outra aos petiscos e patus-cadas. No intervalo, pouco comem, sandes e maçãzinhas, uma; gelatina e saladas, a outra. Uma vibra com mais facilidade, ainda morno o fogo da juventude; a outra é mais ponderada, recatada, tendo ensaiado reações comedidas no desafio diário da sua prole numerosa.

Professoras apaixonadas, uma pela quântica e pelo rigor das ciências exatas, pede compromisso e responsabilidade aos seus adolescentes; a outra, a professora de português que todos adorariam ter tido, rigorosa, inventiva, firme e maternal.

Desconcertantes ambas, no ar determinado e de irreverente firmeza, quando nos surpreendem com gestos românticos e atos sinceros de generosidade, desvelando uma sensibilidade especial. Uma guarda na mala prática, ciosamente, uma bolsa de rosas pálidas que lhe ofertei há já muitos anos; a outra, no rodopio da sua vida intensa, embaraça-nos quando nos surpreende com o toque romântico e grácil em forma de mola minúscula com joaninhas, ou

marcador de livro adornado com um poema mágico. São ambas afoitas e se o Concurso se cumprir, vão-nos deixar uma saudade gigante...

Não assistiremos mais à precisão estoica das suas chegadas matinais; não daremos mais trincadinhas pueris em maçãs, enquanto discorreremos sobre coisas muito sérias, em reuniões; não auscultaremos mais dicas sobre faltas e leis, reformas, escalões e ordenados; não nos abandonaremos mais àquela gratificante sensação de dever cumprido, após sessões miraculosas de trabalho de equipa; não ficaremos mais fascinadas com a ousadia e a candura estética dos livros de cartão, onde mãos de meninos deixaram a marca inefável da infância; não partilharemos mais confidências nem inquietações, relativas ao futuro dos filhos e ao desempenho e potencial dos nossos alunos e as grávidas do devir não poderão contar com a sua solicitude na recolha de verbas para ofertas coletivas.



São afoitas, novos horizontes não as fazem hesitar... E eu que sou conservadora e nostálgica por natureza, que gosto de histórias antigas e de saborear memórias, fico intimidada com os passos largos que querem dar...

### E o que têm mais em comum?

São ambas mulheres práticas, com os pés assentes na terra, não protelam. Sóbrias nas adversidades e nas incertezas do futuro, famintas de equidade. Uma, reivindicativa aspira à justiça social e profissional para todos os seus pares, atenta a decretos e portarias. A outra decreta sucesso em forma de escrita ensaiada e orgulhosa e em imprevisíveis sessões de poesia. Prodigam ambas palavras de apoio e incentivo às colegas mais desanimadas, sempre com siso e sensibilidade.

“Há palavras que nos beijam com se tivessem boca...”. Cito O’Neil. Há pessoas que vivem ao nosso lado e nos infundem admiração, reverência e profunda ternura, há pessoas que nos marcam...

“**Tudo na vida é uma questão de perspetiva. Procure o melhor ângulo.**”, diz uma figurinha ruiva de pernas pró ar, no porta-chaves da Alzira. E as rosinhas minúsculas da bolsa da Sandra evocarão manhãs de outono outrora partilhadas. Eu fico aqui, na Cardoso Lopes a fazer o pino, a andar aos ziguezagues, a espantar-me com a minha plasticidade e a tornar-vos presentes ao pisar as salas que já foram vossas. “Carpe Diem”, meninas!

Ermelinda Rôlo

## Editorial

### Desafios aos Contratados



Apesar de procurar, sempre que me é possível, colaborar ativamente nas várias atividades e projetos de escola, assumo que quando me foi feita a proposta para que escrevesse um breve artigo sobre os principais desafios sentidos pelos professores contratados a minha primeira reação foi de negação, pois trata-se de um tema extremamente polémico e que de algum modo pode gerar controvérsia ou ser alvo de más interpretações. Considero contudo que atualmente todo e qualquer indivíduo pensa ser um especialista em educação e portanto dá o seu parecer sobre tudo o que são temas educativos, sendo que os professores, que deveriam ser aqueles que mais deveriam intervir nestes assuntos, nem sempre o fazem ou são muitas vezes ofuscados pelas inúmeras intervenções que são feitas e que raramente abordam com coerência e clareza a importância das temáticas. Assim, apresento aqueles que considero ser os maiores desafios na vida de um contratado.

A profissão docente sempre obrigou grande parte dos professores a estar longe da sua residência e por conseguinte longe de todos aqueles que lhes são mais queridos, nomeadamente os seus familiares. Independentemente da idade, esta é a mais dura realidade que os docentes contratados enfrentam anualmente, pois nunca sabem se irão estar a trabalhar no próximo ano, onde irão estar e em que condições. Sendo certo que é difícil para os mais jovens, à medida que a idade avança, que se constitui família e que se têm filhos esta realidade torna-se ainda mais dura, pois as responsabilidades familiares aumentam. São portanto inúmeros os docentes contratados que simplesmente desistem de ser professores, ou que abdicam de ter horários completos e mais afastados da sua área de residência, vendo o seu vencimento reduzido de forma proporcional ao seu horário, para estar próximos da sua família.

Outros há que são mais audazes e ousam deixar tudo para trás ou levam consigo os seus filhos, privando-se a si próprios e aos seus descendentes do convívio diário familiar. Estes vivem ano após